

# As novas tecnologias de comunicação no ensino de Jornalismo nas Universidades Federais<sup>1</sup>

*Prof<sup>a</sup>. M.Sc. Adriana Omena dos Santos, UFT - ECA/USP<sup>2</sup>  
Prof. Dr. Robério Marcelo Rodrigues Ribeiro<sup>3</sup>*

## Resumo

Na perspectiva da análise sociológica e comunicacional-tecnológica, o texto aborda a sociedade informacional que tem como característica a convergência tecnológica e de conteúdo e as adequações da comunicação visando às produções para os novos meios convergentes e interativos. O foco do trabalho é uma reflexão sobre a adequação do ensino de jornalismo nas instituições federais tendo em vista a comunicação digital, a interatividade e a Sociedade do Conhecimento com seu novo tipo de aluno que traz consigo para a universidade saberes acumulados, fato que possivelmente exigirá mudanças no posicionamento do educador. Como subsídio para a reflexão, foi feito um levantamento sobre as adequações nos cursos de comunicação tendo em vista o novo perfil do aluno e do ensino de comunicação nesta nova sociedade.

**Palavras - chave:** Sociedade do Conhecimento, convergência, jornalismo, Internet, novas tecnologias.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP 02 – Jornalismo do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Bacharel em Comunicação Social, mestre e doutoranda em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) e professora no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins – UFT, e-mail: [omena@uft.edu.br](mailto:omena@uft.edu.br)

<sup>3</sup> Jornalista, Doutor em Ciências pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) e professor no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins – UFT

## **INTRODUÇÃO**

Desde algum tempo atrás estudiosos e intelectuais vêm utilizando o termo Sociedade da Informação ou Sociedade Informacional como característica da Era da Informação que substituiu a Era Industrial. Agregam ainda a este momento específico, possíveis desdobramentos ainda não absorvidos em sua plenitude como, por exemplo, a comunicação digital e as mudanças na educação e no ensino de jornalismo nesta nova sociedade.

O texto em questão trata dessa possibilidade de nova sociedade; das características da Sociedade da Informação e suas novas tecnologias, seus desdobramentos sobre a educação e sobre o educador, em particular sobre o ensino de comunicação e as adequações que os cursos de jornalismo têm sofrido visando atender ao perfil do aluno que traz consigo para a universidade saberes adquiridos fora do âmbito educacional.

A proposta é, após um breve levantamento junto as matrizes curriculares de cursos das instituições federais, apresentar uma reflexão sobre a adequação (ou ausência dela) dos cursos frente à comunicação digital, tendo em vista o perfil do novo comunicador e o conhecimento dos educadores na Sociedade do Conhecimento.

Deste modo, dada à originalidade do próprio tema uma vez que diversos conceitos envolvidos ainda se encontram em discussão, várias vertentes podem ser estudadas como: os saberes que o aluno traz consigo para a universidade, as variáveis tecnológicas da comunicação digital, implicações sociais e culturais da desse novo modelo de comunicação, tendo em vista interatividade das novas tecnologias, e, principalmente a necessidade de propor alterações no perfil do educador e no ensino de jornalismo tendo em vista as mudanças que a comunicação digital trará consigo.

### ***1. Sociedade Informacional e Sociedade do Conhecimento***

De acordo com teóricos modernos, no final dos anos setenta inicia-se uma crise econômica mundial e a terceira revolução industrial baseada nas tecnologias da informação e comunicação. A partir desse ponto se inicia um processo de mudanças econômicas, políticas e sociais que desemboca na chamada Sociedade da Informação, onde têm papel destacado os meios de comunicação, que para adaptarem-se a esse novo modelo de desenvolvimento e crescimento, têm sofrido alterações importantes como, por exemplo, a transição para a era digital. Corroboram a afirmação acima diversos observadores e teóricos, entre eles ROSNAY (1998) e LOJKINE (1999), ao afirmarem que hoje se presencia a chamada Revolução

Informacional, que, partindo da retroalimentação e da sinergia de uma série de tecnologias, constituíram o que CASTELLS (1999) chama de a Era da Informação e do Conhecimento.

Para SILVA (2002), no entanto, muitas vezes é usado somente o termo “conhecimento” no lugar de “informação” na tentativa de recordar que a simples informação não é suficiente para formar juízos, uma vez que são necessários tempo e disposição para se chegar ao conhecimento. Para o autor o termo tem entrado na especialidade mais como um desdobramento das discussões sobre políticas de comunicação tanto nos Estados Unidos como na Europa que indicam que os sistemas da Sociedade da Informação são os instrumentos fundamentais para promover o conhecimento, que por sua vez deve mudar o modo como agimos, pensamos, trabalhamos e estudamos.

Na verdade a idéia geral que se tem é a de que a Sociedade da Informação é mais uma etapa no processo permanente de desenvolvimento do capitalismo, do conhecimento e da acumulação de capital humano e de capital organizacional das empresas. Como conseqüência, é natural o interesse em análises sobre as implicações advindas do processo de transformação que deriva dessa reestruturação capitalista. (OMENA, 2003; WOLTON, 2000; BOLÃO, 1999).

Segundo COLLE (2003), hoje estamos transitando da transformação da economia da informação em economia do conhecimento, ou seja, está acontecendo à substituição do produto informação pelo produto conhecimento, a transição de sistemas que permitam processar informação por sistemas que geram o entregam conhecimento, que assegurem o uso produtivo da informação para uma tomada de decisão otimizada.

NAGEL (2002), por sua vez, afirma que o termo ‘Sociedade do Conhecimento’ é a forma brasileira de traduzir Sociedade da Informação ou Super Estrada da Informação, que para a autora são expressões mais realistas, mais precisas em sua extensão e menos pretensivas em sua compreensão. Para a autora:

Sociedade do Conhecimento é, antes de tudo, a expressão empresarial dos investimentos racionalmente programados para o mundo globalizado, relativos à informática, telecomunicações, redes de comunicação digitais (banda larga), sistemas de comunicação móveis, que incluem, de modo mais imediato, a) o ensino à distância, b) os serviços de telemática para pequenas e médias empresas, c) o tráfego computadorizado, d) a gerência de tráfego aéreo, e) a licitação e compra eletrônica, f) as redes de administração pública, g) o controle de infovias urbanas ligadas à prestação de serviços de prefeituras; h) o uso da telemedicina, entre outros.

Neste contexto é também da autora indicação das interrogações sobre quais motivos levam os intelectuais da atualidade, dentre eles os educadores, a advogar a favor da Sociedade do Conhecimento como uma organização superior de práticas políticas e

pedagógicas socializadoras do saber, quando, na verdade, a construção dessa Sociedade da Informação é meta do capitalismo em seus desdobramentos mais sofisticados.

PARA NAGEL (2002), é necessário deixar um pouco o romantismo utópico sobre o termo de lado, uma vez que a designação Sociedade do Conhecimento deve ser vista como um balizamento para a seleção de prioridades de investimentos na implementação das linhas de ação, privilegiando as aplicações setoriais voltadas para as questões sociais como saúde, educação, emprego e lazer (KIENBAUM, 1998, p 155).

Seguindo este raciocínio a autora afirma que o discurso de educação direcionada para a Sociedade do Conhecimento trabalha com a lógica da impossibilidade de superação da desigualdade via conhecimento ensinado nas escolas, e; que a visão de que cabe aos educadores, de uma rápida adequação tradicional aos cânones da telemática para que os mesmos não sejam atropelados pelo seu reacionarismo só tem alimentado a ingenuidade e oportunismo que garantem a implantação de inúmeros projetos supostamente inclusivos na Sociedade da Informação ou do Conhecimento.

Através do resgate de coordenadas neoliberais do relatório do Banco Mundial intitulado “O conhecimento a serviço do desenvolvimento” como, por exemplo, indicação de que “os países em desenvolvimento não têm que inventar a roda nem os computadores (...) têm a possibilidade de adquirir e adaptar grande parte dos conhecimentos disponíveis nos países ricos (...) através de um regime comercial aberto, a inversão estrangeira e a concessão de licenças de tecnologia (...)”, a autora conclui sua explanação afirmando que o conhecimento a ser desenvolvido na Sociedade do Conhecimento nada mais é do que uma nova forma de exclusão sob uma capa ideológica de inclusão via acesso à informação, uma vez que o mesmo não traz consigo a capacidade formular problemas.

Para BELLUZZO (2002) por sua vez, a Sociedade do Conhecimento, também chamada de Sociedade da Aprendizagem, requer uma nova leitura do mundo em que vivemos, a fim de que se entenda que aprender é um processo complexo, onde o ser humano deve ser o sujeito da construção do conhecimento e que este somente se dá a partir da ação do sujeito sobre a realidade. Para a autora, a Sociedade do Conhecimento está em construção e nos obriga, à criação de condições para se reconhecer o conhecimento que vier a ser adquirida por formas não convencionais à da escola, como requisito de inovação e desenvolvimento social.

Após a exposição das conceituações acima, cabe salientar que o presente artigo não tem como proposta defender ou condenar a ‘Sociedade do Conhecimento’, muito menos o posicionamento de intelectuais e educadores frente à mesma. A proposta do mesmo se limita a conceituar a Sociedade do Conhecimento, localizar o educador neste contexto e as

mudanças pelas quais deve passar o ensino de comunicação, em particular o ensino nos cursos de jornalismo nas universidades federais inseridos nessa nova sociedade.

Cabe salientar, no entanto, que tendo em vista a busca de imparcialidade no trabalho, antes da apresentação dos resultados da pesquisa era fundamental que o posicionamento de NAGEL (2002) fosse apresentado uma vez que o mesmo em muito destoa dos demais encontrados no decorrer do levantamento do referencial teórico. Contudo, é importante enfatizar que possíveis adequações no ensino de comunicação podem ser vistos como características de uma visão sobre a Sociedade do Conhecimento em suas conceituações mais genéricas, ou seja, a mesma tida como desdobramento ou amadurecimento da Sociedade da Informação.

## ***2. A comunicação digital e o ensino de Jornalismo na Sociedade do Conhecimento***

Ao abordar o assunto da migração da sociedade para uma era digital, VILCHES (2003) indica que no século XXI tem início uma nova ordem social e cultural que obrigará uma revisão nas teorias da recepção e da mediação, tal fato ressaltam inúmeros conceitos, como identidade cultural, hibridação cultural, e, como decorrência destes é possível incluir a educação e seus desdobramentos.

Para o autor, surge no bojo dessa nova ordem uma nova comunicação, novos receptores e usuários que são menos dependentes da cultura tradicional e muito mais dependentes das relações interpessoais geradas na rede. Juntamente com este novo receptor surgem as novas tecnologias, uma nova comunicação e a possibilidade de interatividade entre os meios que permitirá ao espectador transformado em usuário buscar por sua própria conta tudo o que necessita. Em síntese, nasce na era da comunicação global, “uma nova raça de transumantes da comunicação”, que não se caracteriza pelo espectador passivo, nem pelos usuários totalmente interativos (VILCHES, 2003, p. 37).

Como pôde ser visto até o momento, a introdução das novas tecnologias em geral, da convergência tecnológica, e, da comunicação digital em particular é uma realidade no Brasil, e, aparentemente um fato irreversível. Tais características estão trazendo para o processo ensino-aprendizagem, impactos ainda imprevisíveis em sua magnitude, pois dentre os alunos e educadores muitos já apresentam as características híbridas de espectador e usuário citadas acima.

Diante deste quadro é possível perceber a necessidade de estudar o posicionamento do ensino de comunicação frente a esse novo modelo comunicacional que se desenha e do papel desempenhado pelo professor nesse processo. Tal preocupação nasce

embasada em posicionamentos como o de COLLE (2003) sobre a rápida evolução dos conhecimentos e da correspondente desatualização do conhecimento dos profissionais egressos das universidades.

A maioria dos autores que aborda o conceito “Sociedade do Conhecimento” enfatiza a importância do educador no processo onde, de um lado se encontram os desatualizados modelos clássicos e “verticais de transmissão” de informação, e de outro informação e comunicação acessíveis junto às novas tecnologias e comunidades virtuais. Dessa dualidade que permeia a educação nessa nova sociedade é que surgem as interrogações que caracterizam o ponto central do trabalho, especificamente uma busca analítica das possíveis adequações do ensino de comunicação e de Jornalismo na sociedade atual (OLIVEIRA, 2002).

Neste intuito, para o desenvolvimento deste trabalho são propostos um estudo teórico, uma pesquisa documental através do levantamento de material e uma prévia análise comparativa do mesmo, visando atingir o objetivo do trabalho que se consiste na verificação da existência ou não de adequações no ensino de jornalismo nas instituições federais tendo em vista a comunicação digital característica da Sociedade do Conhecimento.

Com este propósito foi feita pesquisa para obtenção de dados das 39 Instituições Federais relacionadas no site do Ministério da Educação – MEC, destas foram selecionadas apenas as 26 relacionadas abaixo que oferecem cursos de Jornalismo.

Universidade de Brasília – UnB	Universidade Fed. do Espírito Santo – UFES
Universidade Federal da Amazônia – UFAM	Universidade Federal do Maranhão – UFMA
Universidade Federal da Bahia – UFBA	Universidade Fed. do Mato Grosso – UFMT
Universidade Federal da Paraíba – UFPB	Univ. Fed. do Mato Grosso do Sul – UFMS
Universidade Fed. Campina Grande – UFCG	Universidade Federal do Pará – UFPA
Universidade Federal de Goiás – UFG	Universidade Federal do Paraná – UFPR
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF	Universidade Federal do Pernambuco – UFPE
Universidade Fed. de Minas Gerais – UFMG	Universidade Federal do Piauí – UFPI
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM	Universidade Fed. do Rio de Janeiro – UFRJ
Universidade Federal de Sergipe – UFS	Univ. Fed. do Rio Grande do Norte – UFRN
Universidade Federal de Viçosa – UFV	Univ. Fed. do Rio Grande do Sul – UFRGS
Universidade Federal do Acre – UFAC	Universidade Federal do Tocantins – UFT
Universidade Federal do Ceará – UFC	Universidade Federal Fluminense – UFF

Logo após a seleção das mesmas, foi realizada uma busca em sua maior parte através da Internet para obter o projeto pedagógico dos cursos ou ao menos o quadro curricular dos mesmos com as ementas das disciplinas oferecidas a fim de viabilizar a análise

comparativa das matrizes curriculares dos cursos de jornalismo em busca de indícios de adequação do ensino visando à comunicação digital. Dentre as 26 instituições selecionadas apenas 14 delas (UFBA, UFMA, UFPA, UFV, UFC, UFMS, UFS, UFRN, UnB, UFRJ, UFMG, UFRGS, UFJF e UFPB) disponibilizam informações sobre a grade curricular no site e 12 delas (UFAC, UFAM, UFPI, UFPE, UFG, UFMT, UFMS, UFES, UFF, UFPR, UFCG e UFT) não disponibilizavam grade curricular no site ou o link do mesmo não estava correto.

Dentre as 12 instituições em que não foi possível obter a matriz curricular pela Internet sete delas disponibilizavam endereço eletrônico (UFAM, UFPI, UFPE, UFMT, UFES, UFPR e UFF) para os quais foi encaminhada mensagem solicitando as informações necessárias e junto à UFT as informações foram coletadas *in loco* devido vínculo do autor da pesquisa. Das 7 instituições para as quais foi encaminhada a mensagem apenas 2 delas (UFF e UFAM) enviaram resposta ao solicitado

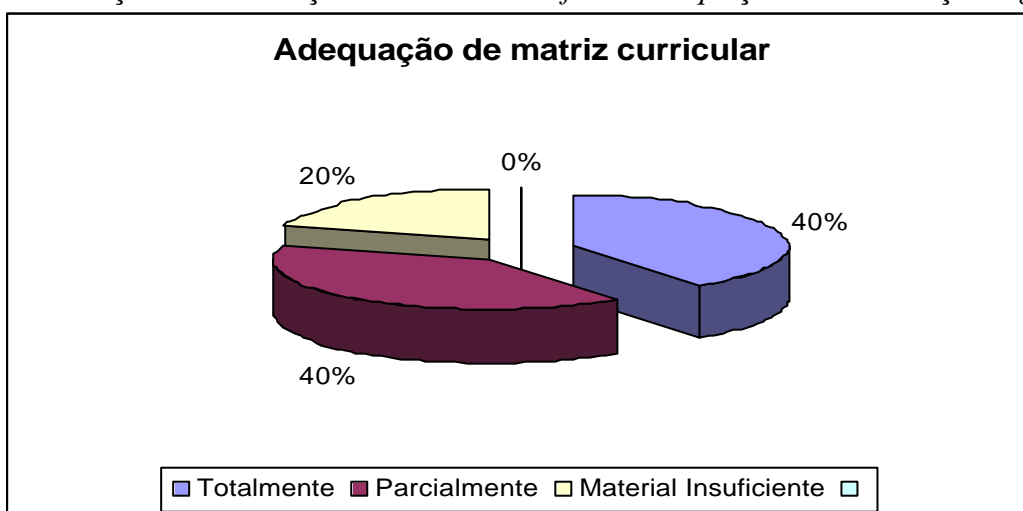
A partir dos dados obtidos foi feita uma análise comparativa das informações, sendo os pontos mais relevantes indicados a seguir. Das 15 instituições (14 listadas acima + UFT) que disponibilizaram a matriz curricular 6 delas (UFBA, UFMA, UFPA, UFV, UFC, UFMS) oferecem em seus cursos disciplinas específicas sobre Novas Tecnologias da Comunicação - NTC e Jornalismo; outras 6 (UFS, UFRN, UnB, UFRJ, UFMG, UFRGS) oferecem disciplinas voltadas para as NTC, porém não específicas à Jornalismo-on-line ou similar. A UFRN, no entanto, oferece a disciplina jornalismo-on-line como complementar. As outras três instituições (UFJF, UFPB e UFT) não oferecem em sua estrutura curricular nenhuma disciplina específica ou obrigatória voltada para as NTC, no entanto, UFPB e UFT permitem disciplinas optativas que talvez possam vir a suprir tal necessidade.

As informações enviadas em resposta à mensagem encaminhada encontram-se relacionadas a seguir: UFF – o curso a partir de 2005 permite áreas de ênfase temática e dentre elas especialização em hipermídia, com disciplinas obrigatórias, optativas e atividades laboratoriais relacionadas com NTC e Web-Jornalismo; UFAM – o curso oferece a disciplina Web-jornalismo como optativa mais atividade laboratorial relacionada com a mesma.

Estes dados, somados às informações acima apresenta um quadro que ao menos preocupante, pois dentre as 17 instituições que disponibilizaram informações apenas pouco mais de 1/3 destas, sete instituições, ou seja, cerca de 40% (UFBA, UFMA, UFPA, UFV, UFC, UFMS) apresentam claramente disciplinas aparentemente voltadas para as novas tendências da Sociedade Informacional e da comunicação digital com suas características simbióticas e interativas. Percentual igual, outros 40% (UFS, UFRN, UnB, UFRJ, UFMG, UFRGS) têm em seus currículos disciplinas que parcialmente se apresentam preocupadas com

as novas tendências do mercado, sem, no entanto se relacionar diretamente com a comunicação digital. As três últimas instituições (UFJF, UFPB e UFT) talvez estejam adaptando-se ou preocupadas com isso, no entanto não é possível uma afirmação categórica do atual posicionamento das mesmas tendo em vista que o material disponibilizado não indicava claramente mudanças nas matrizes curriculares dos cursos, haja vista que as mesmas não apresentam entre as disciplinas obrigatórias dos cursos de graduação em Jornalismo nenhuma especificamente voltada para a comunicação digital ou para a convergência tecnológica característica da Sociedade da Informação e Sociedade do Conhecimento. Tais dados podem ser melhor analisados no gráfico apresentado abaixo:

*Distribuição das instituições analisadas conforme adequação à comunicação digital*



Tendo em vista que os sistemas educacionais têm sido profundamente questionados por não buscarem fundamentos que possibilitem a formação adequada às novas competências dos profissionais da atualidade, na breve análise realizada surgiram vários pontos que ainda merecem novos estudos, uma vez que apenas as instituições públicas fizeram parte da amostra e nem sempre o material obtido continha todas as informações necessárias para uma análise mais profunda. Apesar da proposta do trabalho não ser a de oferecer um posicionamento conclusivo sobre os questionamentos apresentados no título, as informações levantadas no estudo merecem ser comentadas, pois a análise apresenta indícios do que pode ser alguma tendência no ensino de Jornalismo.

As informações acima mostram um momento específico do ensino de Jornalismo que podem indicar uma tendência, no entanto, a intenção é que tais informações possam vir a ser aprofundadas com outras técnicas de análise e mais subsídios informacionais como, por exemplo, entrevistas amostrais junto ao corpo docente e discente das instituições analisadas.



## ***CONSIDERAÇÕES FINAIS***

Não há como não perceber o que grande parte dos estudiosos defende, que vivemos em meio a grandes transformações onde a comunicação ocupa papel destacado na chamada ‘Sociedade da Informação’, e, que, portanto o ensino de comunicação deve estar em sintonia com as transformações pela qual a sociedade vem passando.

As transformações citadas anteriormente são de origem econômica, políticas e sociais e desembocam nessa nova sociedade onde os meios de comunicação também têm sofrido alterações em suas estruturas e funções para adaptarem-se a esse novo modelo de desenvolvimento. Deste modo, é importante que os educadores estejam atentos a estas transformações nos meios e às formatações que possivelmente serão impostas à sociedade de uma maneira geral, às profissões, profissionais e ao ensino de comunicação para que o profissional egresso dos cursos possa atender as demandas advindas desse novo modelo de sociedade que se desenha.

Apesar de o assunto ser relativamente novo, é necessário aprofundar discussões que reflitam acerca da problemática da Sociedade do Conhecimento e necessidade de adaptação do ensino de Jornalismo e do perfil do educador nesse processo, uma vez que o mesmo certamente tem educação, experiência profissional, linguagens e conhecimentos adquiridos muitos distintos de seus atuais alunos, crescidos e educados em meio à comunicação digital disponibilizada pelos novos meios, dentre eles a Internet. Em resumo, é necessário viabilizar uma convivência saudável e enriquecedora entre os participantes do processo ensino-aprendizagem, principalmente porque no atual modelo de sociedade o conhecimento ocupa posição privilegiada.

Na tentativa de encerrar o trabalho, cabe enfatizar que o que se pretende na verdade é alertar aos comunicólogos, em particular aos que trabalham diretamente com ensino de comunicação, que tal atividade enquanto profissão deverá repensar e discutir sua postura a fim de que a heterogeneidade e dialogismo dos discursos dos meios de comunicação que lidam com a comunicação digital não inviabilizem o processo educacional. É importante lembrar, no entanto, que ainda não se compreende muito bem a Sociedade do Conhecimento talvez porque os materiais culturais da sociedade industrial ainda estão presentes nas atitudes individuais e empresariais. Tais atitudes são excludentes, dogmáticas e inviabilizam o desenvolvimento de uma sociedade que rompa com os modelos dispostos atualmente, sejam eles econômicos, governamentais ou educacionais.

Uma alternativa no sentido de equacionar estes inconvenientes citados anteriormente, talvez seja iniciar o quanto antes reflexões que definam com clareza o que os educadores esperam da Sociedade do Conhecimento; que tipo de conhecimento transcende nesta sociedade e para quem o mesmo transcende; e, qual o melhor caminho de transição para tal sociedade, tão discutida, porém ainda desconhecida por alunos, educadores e sociedade em geral.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.**

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. A educação na Sociedade do Conhecimento. Texto apresentado no **I Simpósio de Educação em Pedagogia**, Universidade do Sagrado Coração, Bauru, outubro de 2002. Disponível [http://www.usc.br/graduacao/pedagogia/texto\\_regina.htm](http://www.usc.br/graduacao/pedagogia/texto_regina.htm), capturado em 30/09/2003.

BOLAÑO, César R. S. “Sociedade da Informação”: reestruturação capitalista e esfera pública global, em **Revista Latina de Comunicación Social**, número 15, março de 1999, La Laguna (Tenerife), disponível em [http://www.quadernsdigitals.net/datos\\_web/hemeroteca/r\\_9/nr\\_136/a\\_1680/1680.htm](http://www.quadernsdigitals.net/datos_web/hemeroteca/r_9/nr_136/a_1680/1680.htm)

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

COLLE, Raymond. Reflexiones sobre la universidad en la era de la información, em **Revista Latina de Comunicación Social**, ano 6º, número 53, enero/febrero de 2003, La Laguna (Tenerife), disponível em <http://www.ull.es/publicaciones/latina/200353colle.thm>, capturado em 13/06/2003.

KIENBAUM, Germano de Souza. A construção da Sociedade do Conhecimento brasileira. **Revista da Escola Superior de Guerra**, n. 37, 1998, p. 133-156.

LOJKINE, Jean. **A revolução informacional**. São Paulo, Cortez, 1999.

NAGEL, Lizia Helena. A Sociedade do Conhecimento no conhecimento dos educadores. **Revista Acadêmica Multidisciplinar Urutágua**, Maringá, ano I, n. 04, maio de 2002. Disponível em [http://www.uem.br/~urutagua/04edu\\_lizia.htm](http://www.uem.br/~urutagua/04edu_lizia.htm), capturado em 30/09/2003.

OLIVEIRA, Gerson Pastre. Novas tecnologias da informação e da comunicação e a construção do conhecimento em cursos universitários: reflexões sobre acesso, conexões e virtualidade. **Revista Iberoamericana de educación**, 2002, disponível em <http://www.campus-oei.org/revista/deloslectores/344pastre.pdf>, capturado em 12/11/2003.

OMENA dos Santos, Adriana Cristina; TAVARES, Débora. Reflexões sobre o papel da informação após a reestruturação do capitalismo. Trabalho nos anais da **IV bienal iberoamericana de la comunicación**, San Salvador, 2003.

ROSNAY, Joel de. La revolución informacional. In: Ramonet, Ignacio. **Internet, el mundo que llega**. Madrid, Alianza Editorial, 1998.

SILVA, Manuel Lopes. Cultura e sociedade da comunicação. Texto apresentado no **Ibercom 2002**. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt>, capturado em 12/11/2003.

VILCHES, Lorenzo. **A migração digital**. Coleção Comunicação Contemporânea, São Paulo: Editora Loyola, 2003.

WOLTON, D. Sobreviver a Internet. Barcelona, Editorial Gedisa, 2000.